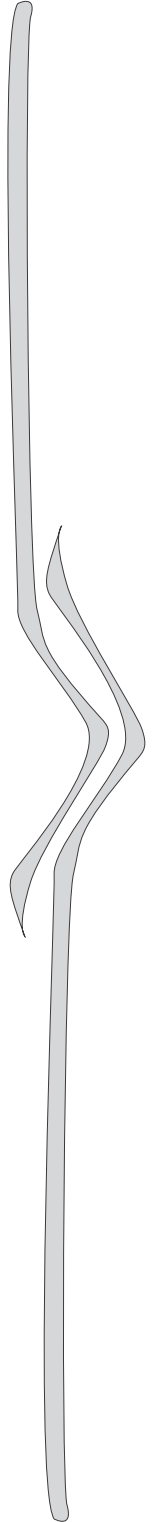


# Editorial





## O psicanalista possível

Berta Hoffmann Azevedo

*A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal.*  
(Bakhtin, 1961/2003, p. 348)

O que vem depois da esperança? O possível.

Foi assim que chegamos ao último número desta gestão editorial do *Jornal de Psicanálise*, que começou como um ato de esperança: alguns colegas – que tive o prazer de reunir em um grupo de trabalho, na realidade quase ficcional do isolamento social da pandemia – investiram coletivamente num projeto que parecia impossível, aprenderam a sintonizar de forma virtual e se tornaram amigos. O que nos unia era um desejo de vitalizar a psicanálise com nossas perguntas, algumas delas recortes autorais de velhas questões, outras, interrogações que não seriam possíveis sob outras circunstâncias. Um trabalho geracional que aproveitou a tradição do *Jornal de Psicanálise* e buscou tingi-la com as tintas do nosso tempo.

Juntos, buscamos favorecer trocas teórico-clínicas, materializadas com a inauguração da seção Diálogos. Nesse espaço, vimos realizar-se o encontro transinstitucional de psicanalistas de diferentes tradições, que puderam discutir ideias, tomando colegas como autores. Os contrapontos permitiram honrar a complexidade do nosso objeto de investigação e a vocação do *Jornal de Psicanálise*, que sempre firmou compromisso com uma psicanálise plural e reflexo de um contexto.

Um psicanalista só é possível em seu tempo, só existe no limiar do impossível, sensível às brechas de analisabilidade que encontra em seu meio. Só é alcançado com o espírito radicalmente freudiano, de manter a psicanálise como teoria, técnica e, continuamente, como método de investigação, cujas respostas não são universais e estáticas. Uma disciplina essencialmente migrante, diz Pontalis (1991), cuja essência, se é que há, estaria justamente em ser mais movimento que instituição. O possível da psicanálise se expandiu

desde sua fundação, e honrar essa herança exige manter o esforço na ampliação de possibilidades.

Tal como todo artista, temos de ir aonde o povo está. Metafórica ou concretamente, devemos nos deslocar para delinear o possível, que não é o mesmo em qualquer circunstância, precisa ser criado dialogicamente, em relação com o conhecido e o ainda não formulado. Em um jogo temporal de dupla orientação, entre o já anunciado e as respostas futuras à presente enunciação.

Esse foi o nosso eixo de escolha dos números, rastreamos questões que desacomodavam a psicanálise e suas respostas até então disponíveis:

100 – O que fazemos com o sexual?

101 – A potência da diferença

102 – Hiperconectividade e exaustão

103 – Psicanálise em (de)formação

104 – Entre o quintal e o mundo

105 – Violações

106 – Há esperança?

107 – O psicanalista possível

Qual psicanalista é demandado por uma determinada pessoa, grupo ou instituição em cada cenário? É possível um enquadre que conte com associação livre e alta frequência no divã? Ou há uma outra modalidade que melhor favoreça um desdobramento analítico naquela situação?

Para que o ideal possa dar espaço ao possível, sem desesperança ou displicência, será preciso trabalho de luto, realizável se a relação estabelecida com nossas teorias e técnicas forem suficientemente firmes e flexíveis para responder a demandas plurais.

A *(de)formação* foi a grafia que encontramos para resgatar a tradição freudiana de “A interpretação dos sonhos”, que considera a aproximação da verdade apenas possível pela deformação, por meio das múltiplas produções do inconsciente. Formação e transformação constantes da psicanálise em movimento, que, curiosa, se mantém viva e pulsante, aberta a se repensar, nunca imune ao risco de que eventuais modificações alcancem a dimensão pejorativa que também comporta o termo *(de)formação*, e precisem ser reexaminadas.

O número que temos em mãos testemunha o trabalho de nossos autores para alargar as margens do possível, considerando dificuldades clínicas e marcadores sociais, raciais e de gênero em nosso tempo.

Além dos escritos temáticos, contamos na seção Diálogos com o artigo de Renata Arouca de Oliveira Morais e Daniel Kupermann “Sobre

a institucionalização da psicanálise no Brasil: transformações”, comentado por Ana Claudia Patitucci e Cristina Maria Cortezzi. A seção discute as iniciativas de regulamentação da psicanálise e o trabalho realizado pelo Movimento Articulação para deter projetos alheios à ética partilhada na comunidade psicanalítica, sem desconsiderar o legítimo questionamento sobre a elitização de nosso campo.

Na seção Conexões, o artigo de Mariana Belmont aborda a crise climática e o racismo, sustentando que a “Adaptação antirracista é possível para combater o racismo ambiental”. O espaço destinado à AMF está ocupado pelo artigo “Sonhos (e outros)”, de Fernando César Thomazine, ganhador do Prêmio AMF, e o poema “Horizonte etc. e tal”, de João Ricardo Terra, que recebeu menção honrosa no mesmo prêmio.

Em História da Psicanálise, publicamos “Clínica extensa”, de Fabio Herrmann, proferido de forma oral em 2003 e publicado como capítulo de livro em 2005. Esse importante escrito, agora disponibilizado amplamente, apresenta a noção central do autor, que foi parte de um movimento mundial mais amplo e contribuiu para a extensão do alcance do que foi considerado psicanálise desde então.

Um destaque merece ser dado à roda de conversa com os psicanalistas em formação por meio de programas de ações afirmativas nas diferentes sociedades da Febrapsi. A conversa, que resultou no documento escrito a muitas mãos, foi proposta pelo *Jornal de Psicanálise* para acompanhar, agora do ponto de vista do analista em formação, as iniciativas que foram idealizadas pelas diretorias dos institutos e sociedades pioneiras nesses programas. Os responsáveis pelos projetos, quando recém-lançados, foram entrevistados pelo *JP* (2021). Agora a roda de conversa acompanha os desafios pós-implementação e testemunha a importância do compromisso da psicanálise com as questões raciais, que, para ser firmado e sustentado por nossas instituições, precisa levar em conta toda a complexidade que a temática apresenta e construir pontes para um possível cada vez mais plural.

A psicanálise, na perspectiva que adotamos, precisa de menos reificação e defesa, e de mais coragem para se defrontar com o que merece ser revisto à luz de novas perguntas. Um comprometimento com o diálogo inconcluso. Este foi o espírito da presente gestão editorial, que se encerra com este número.

Agradeço à Dora Tognolli, diretora do Instituto, e à Carmen Mion, presidente da SBPSP, pela confiança em me convidarem para ser editora do *Jornal*, pelo apoio às diferentes iniciativas por nós propostas e pelo respeito à autonomia editorial.

Agradecemos também ao dedicado trabalho de Mireille Bellelis, produtora gráfica, Suely Corrêa Toneto e Mayara Felix Lopes, secretárias, José Teixeira Neto, revisor de texto, e Giovanna Petrólío, revisora da plotter. Sem o exercício sério e competente de suas funções, seria impossível manter o fluxo dinâmico da publicação em cada número.

Nos últimos quatro anos, o trabalho em equipe nos permitiu conhecer os talentos de cada um dos integrantes, combinados em prol de um projeto comum. Cada um com qualidades tão múltiplas, que não poderiam ser expressas de forma sucinta, mas cujo tom tentarei transmitir mesmo assim. Aprendemos uns com os outros: com o comprometimento engajado do Bruno, a firmeza sensível da Cibele, a inspiradora flexibilidade de pensamento da Claudia, a honestidade espontânea da Cristiana, os corajosos contrapontos da Denise, a arte implicada da Gizela, as cores poéticas da Helena, a crítica inteligente da Ludmila, a figurabilidade infinita do Luiz e as precisas palavras do Ricardo. Desde a formulação temática à seleção dos artigos, o engajamento conjunto envolvia debates honestos em clima amigável. Interrogamos, ouvimos, respondemos, suportamos as dúvidas e contrapontos, até chegarmos a um ponto em que concordássemos e pudéssemos querer sustentar juntos uma decisão. Que experiência prazerosa e formadora, obrigada, amigos, por tanto!

Aos leitores e autores, que a cada número mudavam de posição, mas mantiveram seu investimento em nosso projeto, nossa gratidão por fortalecerem este periódico, que somente tem sentido por e com vocês.

À Mariana Mies, nova editora, e sua equipe, desejamos um bom trabalho e muita realização!

Nossa gestão se encerra por aqui, mas o diálogo é inconcluso, sigamos!  
Vida longa ao *Jornal!*

### Referências

- Azevedo, B. H. (2021). A potência da diferença. Editorial. *Jornal de Psicanálise*, 54(101).
- Bakhtin, M. (2003). Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In M. Bakhtin, *Estética da criação verbal*. (P. Bezerra, Trad., pp. 337-357). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1961)
- Freud, S. (1990). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vols. 4-5, pp. 1-566). Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Pontalis, J.-B. (1991). *A força de atração*. Jorge Zahar.

Berta Hoffmann Azevedo

Editora

bertaazevedo@hotmail.com

## Carta-convite

### O psicanalista possível

*Em direção a um novo dia de intensa claridade  
Eu me levanto...  
Trazendo comigo o dom dos meus antepassados.  
(Maya Angelou)*

O psicanalista possível nasce nas bordas do impossível. Onde quer que ele atue, não sabe antecipadamente como desenvolverá sua prática nem por quais desafios precisará passar para levar adiante o seu trabalho. Qual a demanda da pessoa, grupo ou instituição que solicita a presença do analista? Está aí uma interrogação necessária para traçar o caminho e evitar que quem escuta se converta naquele que sabe de antemão o que é bom para outro alguém.

Na conhecida passagem na qual diz que analisar, governar e educar são ofícios impossíveis, Freud questiona a ideia de um fim natural das análises, “mesmo quando se guarda distância das expectativas exageradas e ... tarefas extremas” (1937/2018, p. 321). Detenhamo-nos aqui nas “expectativas exageradas” e “tarefas extremas”, para com isso nos indagarmos sobre nossa força e nossos limites. Entre o *onipotente* e o *impotente* pode existir o psicanalista possível, aquele que, com múltiplos recursos, enfrenta os impasses que se apresentam cotidianamente, sem deixar de reconhecer quando precisa expandir seu ferramental.

No *Jornal de Psicanálise* já indagamos: o que fazemos com o *sexual*, em um mundo de binarismos e intolerância com as *diferenças*? (SBPSP, 2021a e b); como ser psicanalista em tempos de *hiperconectividade e exaustão*? (SBPSP, 2022a); como *formar* um psicanalista maleável e em contato com as transformações sociais, sem separações artificiais entre o *mundo e seu quintal*? (SBPSP, 2022b e 2023a); sensível aos efeitos das múltiplas *violações*, sem perder a *esperança* num porvir? (SBPSP, 2023b e 2024).

Um psicanalista só pode existir em sua própria época, e tempos de extremos exigem ajustes. Vale refletir sobre como a adesão a modelos sacralizados pode nos fixar à nostalgia de tempos perdidos e à reprodução acrítica de respostas obsoletas. O mundo tem fome de quê? Cabe a quem

exerce a psicanálise a constante sustentação dessa pergunta. Furtar-nos do enfrentamento dos embaraços de nosso momento histórico-social não nos converteria – parafraseando Betty Joseph – em psicanalistas de difícil acesso?

A noção de *psicanalista possível* está ancorada, portanto, no trabalho de luto de ser um psicanalista ideal, o que, ao fim e ao cabo, garante a permanência do objeto psicanalítico, enquanto permite ao analista desbravar novos rumos. O analista e a psicanálise, sabendo-se incompletos, precisam seguir se reinventando.

Os necessários debates atuais sobre a democratização da psicanálise apontam para diferentes possibilidades desse trilhamento. No prefácio do livro *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social* (Danto, 2019), Jorge Broide assinala que nossos antecessores não tiveram medo de inventar os mais diferentes dispositivos: iam a campo e debatiam com profundidade. Ao se referir especificamente à atualidade da América Latina, diz:

o que temos é um enorme caldeirão criativo, onde a crise social cria saberes ... A experiência de atendimento clínico, onde quer que a vida se dê, mostra que o sujeito fala onde quer que haja uma escuta, seja ela no divã, na instituição, nas ruas ou embaixo de uma ponte na mais pura tradição freudiana ... A psicanálise está viva por aqui como estava em Viena. (Broide, 2019, p. XVIII)

Mas, se, por um lado, já parece haver um consenso sobre a importância de se pensar novas e diferentes possibilidades da psicanálise, há também uma justa preocupação em como ampliá-la mantendo o que deveria ser sua contribuição específica como área de conhecimento. Diante de novos contextos investigativos, como podemos alterar a psicanálise e democratizá-la e, ao mesmo tempo, conservá-la, construindo a clínica do possível?

A rigor, não é uma questão nova, ainda que possa ser atual. A antiga historietta do navio de Teseu conta que, em cada porto que parava, uma parte do navio era trocada, até que ao final da viagem todo o madeiramento teria sido substituído, restando da embarcação original apenas o nome. Sobrevinha, então, a questão: ainda seria a mesma? “Uns defendiam que o navio continuava a ser o mesmo, e outros que já não o era” (Plutarco, 2008, p. 69).

Os desafios não são pequenos, pois falar em expansão da psicanálise implica, entre outras coisas, pensar as especificidades da formação psicanalítica e da divulgação da psicanálise num mundo globalizado e midiático. A psicanálise está no mundo, e as recentes discussões sobre regulamentação



mostram que distintos grupos reivindicam para si o nome “psicanálise” com base em práticas que não são reconhecidas como tal por outras comunidades psicanalíticas, e vice-versa.

Haveria uma clara linha divisória para definir sacralidade e banalização da psicanálise? Que nos permita reconhecer em que pontos a institucionalização engessa a psicanálise ou promove troca entre pares e desenvolvimento do método? Que nos habilite a distinguir entre divulgação promotora de democratização e psicanálise instagramável? A reserva do analista é, necessariamente, expressão de encastelamento, ou pode denotar um reconhecimento de limite daquilo que seu saber permite contribuir?

O possível, tal como o propomos, não é pouco, nem é qualquer coisa. Talvez atualmente a psicanálise esteja presa numa antítese. Diante de alternativas opostas, entre o sagrado e o profano, Freud costumava dizer: “O caminho do psicanalista é um outro, para o qual não há modelos na vida real” (1915/2010, p. 166).

Pensando nessas questões, convidamos os autores a escreverem suas reflexões em torno do tema “O psicanalista possível”, em artigos a serem encaminhados para avaliação até a data-limite de 12/8/2024. Lembramos que também serão aceitos artigos não temáticos e que as normas para publicação encontram-se ao final de cada número do *JP* ou em [normas-portugues.pdf](https://normas-portugues.pdf) ([sbpsp.org.br](https://sbpsp.org.br)).

## Referências

- Broide, J. (2019). Prefácio. In E. A. Danto, *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social*. Perspectiva.
- Danto, E. A. (2019). *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social*. Perspectiva.
- Freud, S. (2010). Observações sobre o amor de transferência. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 10, P. C. de Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2018). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 19, P. C. de Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937)
- Plutarco (2008). *Vidas paralelas: Teseu e Rômulo*. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- SBPSP (2021a). O que fazemos com o sexual? *Jornal de Psicanálise*, 54(100).
- SBPSP (2021b). A potência da diferença. *Jornal de Psicanálise*, 54(101).
- SBPSP (2022a). Hiperconectividade e exaustão. *Jornal de Psicanálise*, 55(102).

Equipe editorial

SBPSP (2022b). Psicanálise em (de)formação. *Jornal de Psicanálise*, 55(103).

SBPSP (2023a). Entre o quintal e o mundo. *Jornal de Psicanálise*, 56(104).

SBPSP (2023b). Violações. *Jornal de Psicanálise*, 56(105).

SBPSP (2024). Há esperança? *Jornal de Psicanálise*, 57(106).

Editora: Berta Hoffmann Azevedo

Editor associado: Ricardo Trapé Trinca

Equipe editorial: Bruno Profeta Guimarães Figueira, Cibele Amaro Pires Rays, Claudia Amaral Mello Suannes, Cristiana Tiradentes Boaventura, Denise Salomão Goldfajn, Gizela Turkiewicz, Helena Cunha Di Ciero, Ludmila Y. Mafra Frateschi e Luiz Moreno Guimarães Reino